A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**:**

Cinco casos de CEIs da Cidade de São Paulo

*Wendel Moreira de Oliveira[[1]](#footnote-1)*

**EIXO TEMÁTICO:** II – Gênero, raça e cidade

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objeto apresentar dados e informações a cerca da presença de professores homens em CEIs[[2]](#footnote-2) (Centro de Educação Infantil) da Cidade de São Paulo recolhidos em pesquisa de mestrado na área de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da Cidade de São Paulo, no período de 2017 até o momento. O pesquisador reuniu e analisou documentação que registra a atual formação do corpo de professoras e professores que atuam em CEIs na rede direta da Cidade de São Paulo. Através de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo visou analisar o que acontece nestes CEIs e com a comunidade escolar quando há a presença do professor homem. Com base em entrevistas realizadas ouviu diretamente de cinco professores homens atuantes em CEI quais são suas percepções sobre sua presença, trabalho, dificuldades e facilidades na educação de crianças pequenas e bebês, quais os caminhos que os levaram à docência em CEI e o que os fez permanecer ou deixar o cuidar e educar dos bebês. Buscou-se ainda investigar se há alguma relação entre o ingresso de professores homens no CEI e o processo de passagem das creches diretas da Secretaria de Assistência Social (SAS), para a Secretaria Municipal de Educação (SME), na Prefeitura Municipal de São Paulo durante a gestão Marta Suplicy (PT), de 2001 a 2004, visto que aquela época a Prefeitura de São Paulo cumpria o previsto na Constituição Federal de inclusão das creches na área da Educação, tornando esta etapa melhor reconhecida e profissionalizada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que através de formulários eletrônicos mapeou boa parte dos professores homens atuantes em CEIs da Cidade de São Paulo e através do critério *Ingressante do Concurso Público de 2004* (primeiro concurso para contratação de professores para atuação específica em CEI em São Paulo), selecionou e entrevistou cinco professores de diferentes regiões da cidade. Como aporte teórico estão presentes Judith Butler e as questões de gênero, Mchael Foucault e a educação dos corpos e papeis sociais de homens e mulheres, Pierre Bourdieu e a dominação masculina, a entrevista em campo e o pesquisador participante, e Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello e os esctudos sobre a história da virilidade. Embora ainda não esteja concluída, a pesquisa demonstra que 1) O perfil de profissionais atuantes em CEIs na Cidade de São Paulo é massivamente feminino; 2) Os professores homens sofrem preconceito e discriminação da comunidade escolar do CEI (famílias, gestores, outros profissionais e professoras); 3) Existem discriminações que geram privilégios a estes homens, como o afastamento de atividades de higiene e cuidado; 4) Embora em outros tempos a Prefeitura propusera discussões e estudos sobre as relações de gênero, não existem discussões oficiais sobre a presença do professor homem no CEI; 5) A fala dos professores entrevistado demonstra, com contradições, que é positiva a presença e atuação de homens no CEI; 6) Ainda há muito o que pesquisar e propor de políticas sobre as relações de gênero e educação infantil na Cidade de São Paulo, sobretudo na contratação e formação de professores e professoras.

Palavras-chave: Educação Infantil, Gênero, Professor homem de bebês, CEI, Virilidade, Masulinidade.

**Introdução**

 Este é um trabalho que apresenta alguns pontos e dados coletados em um pesquisa de mestrado realizada com professores de educação infantil, atuantes em CEI na cidade de São Paulo.

 Além de um breve histórico sobre a Educação Infantil e seu atual panorama, aqui é traçado o prefil da professora de CEI, os casos de professores homens atuantes em CEIs, os desafios e enfrentamentos cotidianos.

 Os estudos das relações de gênero dão o aporte teórico a este trabalho que objetiva entender como a transgressão de o que é socialmente concebido como lugar de homem e lugar de mulher, pode refletir no cotidiano da educação de bebês e crianças e na formação dos professores e professoras.

**1 - Breve histórico do CEI na Cidade de São Paulo**

A Educação Infantil na Cidade de São Paulo existe desde 1935 com a criação dos Parques Infantis por Mário de Andrade. Entre 1935 e 1938, o escritor e pesquisador do folclore e cultura brasileiros assumiu a criação e condução do Departamento de Cultura, convidado pelo então prefeito Fábio Prado. Frente ao órgão que funcionava como uma Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Mário colocou em prática suas pesquisas sobre cultura e folclore nacional, criando os Parques Infantis, que tinham por objetivo garantir às crianças de São Paulo locais de aprendizagem, expressão cultural, relações sociais e com a natureza. (SÃO PAULO - SME, 2010).

Desde a época dos Parques Infantis o trabalho docente na educação infantil é desempenhado majoritariamente por mulheres que deixavam o trabalho e ambiente doméstico e saíam para o mercado de trabalho formal e enfrentavam alguma resistência da sociedade, mas eram bem aceitas nas atividades de educar e cuidar as crianças pequenas, uma vez que este tipo de trabalho era facilmente relacionado a supostas características inerentes à mulher, como paciência, delicadeza, cuidados maternos. Assim se construiu a figura da professora de Educação Infantil como a pessoa do sexo feminino e que tem por credencial a maternidade. A feminilização da atividade docente é um fenômeno que aconteceu na educação brasileira, no ensino fundamental, que incialmente apresentava quadro majoritariamente masculinos e, ao passar dos anos, foi dominado por mulheres, sobretudo nas séries iniciais. Já as creches surgem com a mulher como profissional ideal, esta área de atuação nunca foi feminina. O processo de feminilização da educação é parte de um projeto de educação de baixo custo, de pouca formação ou profissionalização. Onde características supostamente femininas são credenciais para a atuação docente. “(...) *a imagem social do trabalho docente com crianças marcou-se intensamente por esses valores e permaneceu desde então associada a uma certa feminilidade, uma imagem de mulher pouco afeita à erudição e ao desenvolvimento intelectual, que se relaciona mal com o conhecimento e a racionalidade, sendo antes emotiva, maternal, infantilizada e capaz de empatia com as crianças. (CARVALHO, 1998).*

A figura da mulher como professora tornou-se a figura oficial do trabalho com crianças, sobretudo as pequenas. Esta construção histórica e social do perfil da professora da creche foi naturalizada e assimilada em nossa sociedade como algo normal, compulsivo e obrigatório. A creche foi criada para substituir as famílias das crianças que precisam de cuidado, na família quem cuida das crianças é a mãe, a mãe é mulher. Como critica Guacira Lopes Louro*: “(...) toda a professora é mulher e as mulheres possuem o dom ou a vocação para ser professora de pequenas crianças”* (LOURO, 1997).

A feminilização do trabalho nas creches fez parte de um projeto de governo para a educação, de forma a conter gastos e resolver a demanda de atendiemnto de bebês e crianças sem necessarimente investir em formação de professores. Fato que pode ser observado no disposto na Lei Federal 7.644/87, que estabelece e regula a função de “mãe social”, ou a lei da “mãe crecheira” como foi popularmente conhecidao que indica que mulheres, simplesmente por serem mulheres, são capacitadas a cuidarem em casas e lares de crianças abandonadas ou em situação de vulnerabilidade social.

1. **2 – O Perfil da professora de CEI[[3]](#footnote-3)**

De forma oficial, através de leis, e nas relações cotidianas foi formado o perfil ideal da profissional de creche. Primeiramente as mães crecheiras, mulheres moradoras da comunidade escolar que se apresentavam para cuidar de crianças em bebês em casa e mais tarde foram contratadas em creches, sem nenhuma exigência a mais do que ser mulher. Depois vieram as pajens, contratadas como funcionárias públicas, sendo exigido apenas o ensino fundamental completo. Depois da Constituição Federal de 1988, a Prefeitura de São Paulo contratou através de concurso público de provas e títulos as ADIS – Auxiliares de Desenvolvimento Infantil, através da SAS, sem ser exigida nenhuma formação na área da educação. Somente com o decreto 41588 de 28 de dezembro de 2001, é que se transferiram as Creches da Secretaria de Assistência Social para a Secretaria de Educação, criando o cargo de PDI – Professor de Desenvolvimento Infantil e mudando o nome de Creche para CEI – Centro de Educação Infantil.

 As profissionais que já atuavam nas creches foram absorvidas pela rede de educação, recebendo formação específica do magistério em nível médio (e mais tarde em nível superior no curso Normal Superior) gratuitamente e tendo seus cargos de ADIs transformados em PDIs. Neste caso, o magistério de nível médio era exigência para a transformação do cargo. Atualmente a rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo conta com ADIs e PDIs – Agora denominadas PEIs (Professora de Educação Infantil).

 Nos 362 CEIs da rede direta, hoje, atuam 25254 (vinte e cinco mil, duzentas e cinquenta e quatro) professoras mulheres e 376 (trezentos e setenta e seis) professores homens. Os homens representam pouco mais de 10% de professores que atuam em CEI[[4]](#footnote-4).

 O contraste dos números apresentados é facilmente perceptível e suscita muitas dúvidas, o que leva uma etapa da educação ser tão massivamente escolhida por mulheres? E, o que leva alguns e poucos homens escolherem e se manterem nesta etapa? Surgem perguntas também sobre como é o cotidiano de CEIs que contam com a presença de professores homens, se há discussão teórica sobre as questões de gênero, se há algum trabalho de formação profissional com os professores e professoras, se a comunidade escolar aceita, se opõe e até mesmo se expressa sobre a presença de homens no CEI, se há um resgate histórico e discussão consciente sobre a trajetória da CRECHE, do CEI e dos professores de educação infantil, se os professores homens enfrentam algum tipo de discriminação, dificuldade ou privilégios e o que os leva a desistir ou se manter atuando na educação de bebês e crianças pequenas.

**2 – A Pesquisa**

Esta pesquisa surge do interesse de compreender o cotidiano de professores atuantes em CEIs, suas características isoladas, e o que é comum entre eles.

 Com o objetivo de realizar um estudo sobre a presença de professores homens que atuem na Educação Infantil na Cidade de São Paulo; Definir conceitos de gênero, sexualidade, masculinidade e virilidade. Reconhecendo a dicotomia, mas também a relação entre natureza e cultura na construção das identidades de gênero; Investigar a história e frequência da figura masculina nas escolas de Educação Infantil da cidade de São Paulo; Levantar possíveis mudanças nas relações de gênero e trabalho escolar, igualdade de gênero e diversidade sexual na Educação Infantil da Cidade de São Paulo; Observar a presença do professor homem na escola de Educação Infantil, sendo este um lugar historicamente tido como próprio de mulheres; Identificar, analisar as relações de gênero sob o ponto de vista de professores homens que atuam na Educação infantil.

**2.1 – O pesquisador e a metodologia de pesquisa**

 No ano de 2004, com formação no magistério em nível médio, eu mesmo prestei o concurso para Professor de Educação Infantil sem ter certeza em que área atuaria ou a qual faixa etária atenderia, qual era a atribuição do PEI. A creche como parte integrante da Educação Infantil e da pasta da Secretaria Municipal da Educação era novidade e, talvez, um assunto circunscrito à própria rede Municipal de Educação.

 Assumi o cargo de PEI em junho de 2005 e desde então atuei em Berçário II. No CEU CEI Perus, onde iniciei no cargo de PEI, já havia outros três professores homens, em um universo de quase sessenta professoras. Éramos uma minoria, mas com uma visibilidade compulsória. À época a SME produziu algum material sobre as relações de gênero e Educação Infantil, mas, acompanhando os documentos federais e estudos acadêmicos, os materiais da Prefeitura dedicavam-se apenas às relações de gênero e as crianças e bebês. Nunca houve uma discussão ou formação sobre o perfil da professora de CEI ou a minoria de professores homens presentes no CEI.

 Somente no ano de 2009, cursando pedagogia na FEUSP, frequentando disciplina optativa de “Relações de Gênero e Escola e Relações de Gênero e Trabalho”, é que comecei a problematizar o meu lugar no CEI, o lugar do professor homem no CEI. Desta problematização concluí uma pós graduação/especialização em “Gênero, Diversidade e Escola” pela UFPR, no ano de 2015. E ingressei na pós graduação/Mestrado na FEUSP em 2017. Assim eu me tornei pesquisador das Relações de Gênero e Educação, com enfoque no Professor Homem do CEI, atuando diretamente na educação de bebês e crianças pequenas e pesquisando no campo acadêmico.

 Além a prática de ser professor homem atuando em CEI, foi preciso buscar a teoria para categorizar gênero e mesmo construir uma metodologia de pesquisa adequada à entrevista e visita a campo e observação*. “(...) não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular da interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga.” (BOURDIEU, 2008).*

 Concordamos com Bourdieu no que diz respeito às possibilidades que emergem do prático e do teórico nas relações entre pesquisador e pesquisado. Neste caso, o próprio pesquisador como parte integrante do grupo que é objeto da pesquisa, o professor homem que atua em CEI. Mas, ainda havendo dúvidas em como e quando é que se separam pesquisador e pesquisado, quando é que se distingue um pensamento modelado pelo cotidiano e senso comum do professor e a análise crítica do pesquisador. Procuramos entender que *“A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas condições principais de uma comunicação ‘não violenta’. De um lado, quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro lado, encontra-se também assegurados neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esse acordo se afirma na emissão intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais, que indicam quer como tal o qual enunciado deve ser interpretado, quer coo ele foi interpretado pelo interlocutor.” (BOURDIEU, 2008).*

Como o objetivo ou a metodologia desta pesquisa não é nenhuma teoria da comunicação, nos atentamos a dois pontos necessários à condução de uma pesquisa que se quer acadêmica e com procedimentos científicos: 1 – é possível coordenar prática e teoria na coleta e interpretação de dados; 2 – a familiaridade do pesquisador é um facilitador no contato, comunicação e interpretação das informações dadas pelos entrevistados.

 Esta é uma pesquisa qualitativa e dentre os trezentos e setenta e seis professores homens atuantes em CEI na Cidade de São Paulo foram selecionados cinco para a realização de entrevistas com roteiro de perguntas que versavam sobre a trajetória e formação profissional destes professores, cotidiano e atividades pedagógicas, relações sociais e planos futuros para a carreira. Todas as entrevistas foram gravadas e os nomes alterados para *Professor 1, Professor 2, Etc...,* a fim de garantir o anonimato dos entrevistados.

 O esforço de se manter próximo e ao mesmo tempo teórico sobre os entrevistados pode ser traduzido na vontade de coletar, analisar e expor dados, dar visibilidade ao cotidiano do professor homem, sem necessariamente incorrer em um discurso militante ou de denúncia. O interesse maior aqui é tentar entender as relações de gênero na educação infantil com a presença de professores homens e não apontar o que é certo e o que é errado.

**3 Aporte teórico**

 As relações de gênero são um campo da ciência dominado pelos estudos feministas e, genuinamente, focado no lugar da mulher na sociedade patriarcal, sexista e machista, na dicotomia entre sexo natural e gênero construído socialmente. Judith Butler, no entanto, chama a atenção para a impossibilidade de se analisar mulher sem analisar homem, e no fato de que sexo também é um constructo social, tal qual gênero. *Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se nula. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discurso”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.* (Judith Butler – 2017).

 Seguimos com a definição de gênero e sexo como construções sociais e que determinam ou limitam lugares e ações sociais de homens e mulheres. E, se a sociedade constrói um lugar ideal para a mulher (o de professora de creche, por exemplo) ela também impede que o homem exerça esta função ou ocupe este lugar. Se a mulher é rotulada e estereotipada como dócil, delicada, atenciosa e maternal, o homem também carrega em si uma série de características que lhe impõem virilidade. “*A virilidade é marcada por uma tradição imemorial: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesa, e sua parte mais ‘nobre’, senão a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A virilitas romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades claramente enunciadas: sexuais, aquelas do marido “ativo”, poderosamente constituído, procriador, mas também ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido. O vir não é simplesmente homo; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e de virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação.* (Corbin, Jean-Jacques Courtine, George Vigarello – 2013).

 Portanto, é preciso reconhecer que mulheres e homens ocupam lugares socialmente construídos, mulheres e homens performatizam seus gêneros nas relações sociais. Um homem que se coloca em um lugar historicamente feminino, está borrando os limites do que é masculino e o que é feminino, mesmo assim carrega em si características do feminino, cobranças sociais do que é esperado de um homem e enfrentamento de estereótipos.

**4 As entrevistas**

**4.1 – Perfil dos professores**

 Os professores foram selecionados através de contato via redes sociais, redes de trabalho, redes de amigos e aplicativos de textos, um grupo de mais de vinte professores se propuseram a responder um questionário eletrônico e, com o objetivo de melhor operacionalizar a pesquisa, cinco professores foram selecionados para entrevistas gravadas e presenciais, compostas por questionário estruturado.

 Um local neutro, sem a interferência de ambiente de trabalho, família ou outros eventos externos foi escolhido. Em alguns casos as entrevistas aconteceram em bibliotecas públicas, em outros casos em bares cafés.

 Os cinco professores estão na casa dos 36 aos 40 anos e atuam no magistério da rede pública há mais de dez anos. Um deles está concluindo o curso superior de pedagogia, os outros quatro possuem título de pós graduação, sendo um deles doutorando em sociologia da educação.

 Um dos professores é solteiro, os outros quatro são casados. Dois professores se declaram homossexuais, dois heterossexuais e um não se declarou. Dois professores são pais, um tem planos de paternidade e outros dois não declararam.

**4.2 As respostas**

Seguem algumas perguntas e respostas selecionadas do roteiro constituído por cerca de vinte perguntas.

# Entrevistador: como que você acha que você é visto por essas famílias dos seus bebes?

**Professor1:** Ah, pelas falas que eles têm, pelas conversas até por depoimentos que eles já deram né? Pra mim eles gostam e é essa relação de intimidade tudo é bem gratificante. Acho que inicialmente já teve anos anteriores de chegar no meio do ano e a mãe ficar surpresa por que me viu trocando a criança, e questionar isso na direção até, já teve casos nesse sentido, acho que em casa o exemplo que tem é de o marido de não trocar [a fralda] e chegar aqui ser uma surpresa esse cuidado que a gente com os pequenos.

# Entrevistador: Você consegue apontar alguma vantagem, alguma desvantagem na sua prática docente pelo fato de ser homem?

**Professor2:** Vantagem, acho que vantagem não. Desvantagem eu acho justamente pelo caso da desconfiança, não só parte das famílias, acho que por parte da própria escola. Eu tenho a experiência de ter ficado 10 anos numa escola, então toda vez que você muda de escola, e eu tenho outras amigos que são professores de Educação Infantil que trabalham em CEI, eles relatam isso que toda vez que você muda de uma escola né é mais um espaço que você tem que conquistar, elas têm que te olhar, as pessoas a comunidade em geral, tanto a gestão, os pares e os pais têm que olhar pra você, têm que se acostumar com o seu olhar, com você na escola, se acostumar a ver você ali e não te identificar como potencial pedófilo, como alguém que vai maltratar as crianças. Então é sempre um desafio você estar começando num lugar novo. Eu acho que essa é maior desvantagem ter que lidar com a desconfiança o tempo inteiro.

**Entrevistador: Fala um pouco do seu trabalho no CEI, fala um pouco como foi quando você chegou lá e que turma você tinha?**

**Professor3:** Eu fiquei como CJ, professor de modulo só no 1 mês e depois eu assumi uma sala, uma licença de uma professora numa sala de BII, é foi bastante diferente assim, porque toda vez que um homem chega assim parece que é um acontecimento, como se tivesse chegando uma pessoa de outro planeta para aquele espaço. Então, eu senti que houve toda uma preparação da escola, das professoras, da gestão uma preocupação muito maior do que a que havia com as outras professoras de me apresentar para as professoras, de me apresentar para as famílias, de fazer uma reunião. Então, é algo que mexia, que mexeu um pouco com a dinâmica da escola e que não acontecia quando era com as professoras.

**Entrevistador: E você se lembra de mais alguma coisa marcante nesse início?**

**Professor4:** Ah, as pessoas ficaram bem assim, elas associam muito a imagem do homem na educação como moral né, então assim muitas pessoas comentavam “ah, agora sim vamos pegar aquele menino bagunceiro e vamos levar pro professor, o professor vai ficar bravo com ele!” teve alguns comentários assim, mas aquele CEI eu tive sorte as pessoas eram mais de idade, pessoas mais experientes, então eram mais receptiva.

**Entrevistador: De maneira geral como você avalia a presença masculina no CEI?**

**Professor5:** Necessário, necessário é importante a criança precisa ter, é que a educação ela vem de fases ela começou com a figura masculina lá com os Jesuítas e depois foi se tornando uma profissão feminina já penso que hoje em dia a criança tem que ter reportório e tem que ter a convivência com diversos tipos de pessoas. Então tem gente que as vezes fala brincando se aparecesse outro professor homem, achando que eu teria ciúmes, não eu quero que tenha mais, as crianças precisam ter contato com outras pessoas do que ficar restrito. As vezes só ao universo feminino, não que o universo feminino, mas ter contato com outras pessoas eu acho importante deveria ter mais.

**4.2 Breve análise das entrevistas**

 Nestes trechos extraídos das entrevistas estruturadas é possível perceber que, além dos problemas comuns ao magistério, os professores enfrentam barreiras impostas pelo machismo, a virilidade e a masculinidade. É interessante perceber que algumas das dificuldades impostas às mulheres, como o trabalho mais ligado a afazeres domésticos de cuidar, limpar e educar bebês, acometem também estes homens. É sempre um estranhamento a chegada de um homem em um CEI a se dedicar ao cuidado, a uma atividade socialmente vista como inferior.

 Além disso, os homens precisam enfrentar esteriótipos de virilidade que lhes são cobrados, como ser bravo, rude, colocar medo e ordem nas crinaças. É esperado da figura masculina uma postura mais repressora, às vezes violenta para com as crianças e bebês.

 Mesmo assim e contraditoriamente, os homens que permanecem atuando no CEI consideram a presença masculina como algo positivo, capaz de quebrar barreiras, avançar nas discuções das relações de gênero e acrescentar em qualidade na educação dos bebês e crianças.

**BIBLIOGRAFIA**

BOURDIEU, Pierre. A Miséria do Mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BUTLER, Judith. “Problemas de Gênero: feminismo e Subversão da Identidade. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARVALHO, Marília Pinto de. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

LOURO, Guacira Lopes*.* O gênero da docência. In: LOURO, Guacira Lopes*. Gênero, Sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.* Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 88-109.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. *Almanaque 75 anos da Educação Infantil: conviver e aprender na cidade de São Paulo* – São Paulo: SME, 2010.

1. Pedagogo (FEUSP), Mestrando em Sociologia da Educação (FEUSP). Diretor de CEI (Centro de Educação Infantil), São Paulo, São Paulo, Brasil. Contato: diretoreu@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Centro de Educação Infantil – a Creche da rede direta de Educação da Cidade de São Paulo. [↑](#footnote-ref-2)
3. Embora o objeto de pesquisa seja o professor homem atuando em CEI, entendemos que o número superior de mulheres atuando como professoras nesta etapa da educação no provoca a tratar esta profissional sempre no feminino, a professora. Quando formos tratar de homens, usaremos o professor homem, a exceção. [↑](#footnote-ref-3)
4. Dados obtidos em 10/08/2018 através do e-sic/lei de transparência, junto às Secretaria de Gestão e Secretaria de Educação da Cidade de São Paulo, sob o protocolo de atendimento: 031898. [↑](#footnote-ref-4)